

REVISTA APLAUSO

Guia de teatro

Jornal do Teatro
Em Cartaz
Cissa Guimarães
Delson Antunes
Fátima Valença
Fernando Eiras
Flávio Marinho
Ivan Sugahara
Maria Carmem
Barbosa
Sérgio Brito
Wilson Cunha

Glória Menezes em **Ensina-me a viver**

Uma celebração
à vida

ANO IX Nº 95
EXEMPLAR GRATUITO

A vez dos talentos

“Noite de 14 de julho de 2008. Éramos cerca de 50 visitantes, convidados pela diretora geral, Ivonette Albuquerque, para conhecer o trabalho do Grupo Aplauso e uma prévia do novo espetáculo *Nossa Odisséia*. Archotes magnetizados pela expectativa, ansiedade, vitalidade, talento de cerca de 600 jovens iluminavam os 14.000 m² que eles ocupam exercendo diversas atividades, tendo a arte como ponto de partida.

Naquela noite de 14 de julho, éramos cerca de 50 visitantes, entre artistas (como Arlete Sales ou Zélia Duncan), produtores (como Bianca di Filipes ou Eduardo Barata), diretores (como Ticianá Studart, Gilberto Gavronsky ou Flávio Marinho) – um elenco variado que, módulo por módulo, conhecia o trabalho ali desenvolvido. E, a cada espaço (“aqui se desenvolve o trabalho em artes plásticas”... “aqui é o trabalho de corpo”) a emoção tomava conta do grupo. De um ponto de vista simplista/elitista, a gente poderia rotular aqueles meninos e meninas como provenientes das “comunidades”, áreas carentes etc e tal, mas o que tínhamos ali eram jovens. Jovens talentosos, dispostos a crescer, a se desenvolver no palco, no tablado de um picadeiro ou, com idêntico orgulho, nas oficinas profissionalizantes. E naquela noite, além de conhecer um pouco dos espetáculos anteriores – *Amazônia* e *Mambembe* – ganhamos o aperitivo do *Nossa Odisséia*.

Os figurinos haviam sido confeccionados ali nas oficinas, o belo navio de Ulisses – em um dos momentos mais iluminados do espetáculo – ali havia sido construído. Alunos/artistas, professores/artesãos, nós, “os convidados” formávamos uma companhia – a companhia que acredita ser possível, sim, reagir contra a apatia, reagir ao conformismo. É possível fazer alguma coisa, é possível fazer muita coisa. Ali, no Galpão, assistimos a vez dos talentos. Pelos talentos da vez. ”

**Wilson Cunha, diretor do canal Multishow/
agosto de 2008**



Exposição de Máscaras

Até setembro, a Caixa Cultural apresenta a exposição *A Máscara Teatral na Arte dos Sartori – da Commedia dell'Arte ao Mascaramento Urbano*, organizada pelo Grupo Moitará. Além de 186 máscaras confeccionadas por Amleto e Donato Sartori, mestres italianos na confecção de máscaras para teatro, há documentos, imagens e desenhos que também contam a história da utilização desses artefatos desde a Idade Média.

Sua história em cena

No palco, atores preparam um jantar em tempo real. Na platéia, os espectadores escrevem suas recordações em guardanapos. Ao fim do espetáculo, o público é convidado a degustar a refeição e a entregar as anotações, que ficarão expostas na Casa França-Brasil, onde a Cia Vértice de Teatro apresenta *A Falta que nos Move*, de Christiane Jatahy. Detalhe: muitas das histórias podem vir a fazer parte do espetáculo...

Memória do Teatro

Sérgio Britto, Nathália Timberg, Zezé Motta, Eva Wilma e Luis Melo estão entre os grandes nomes dos palcos que serão ouvidos no projeto *Cenas de Ator*. Promovido Instituto Montenegro e Raman, o projeto vai criar um acervo com os depoimentos gravados em vídeo, que ficarão disponíveis no site da entidade. Os encontros são todas as segundas-feiras no Solar de Botafogo.

Entre drinques e música

A noite carioca cada vez abre mais espaço para receber peças teatrais. Na Drinkeria Maldita, em Botafogo, às quintas-feiras, os atores Eduardo Jericó, Pierre Nunes e Alexandre Paim improvisam quadros no espetáculo *Louco é Pouco*. Também às quintas, na Fosbox, em Copacabana, Ana Paula Chaib, Paula Goja e Ricardo Vieira apresentam *Eles Não Têm Vinho*. O ingresso vale para aproveitar a pista com hits disco selecionados pelo DJ Pantera.

Fernando Eiras

Eterno retorno

Aos dez anos de idade, em 1967, pisei o palco pela primeira vez, no Maracanãzinho, com a orquestra sinfônica do Rio de Janeiro. Eu cantava como solista a primeira composição do maestro Eduardo Souto Neto, na época com 16 anos: *Menino Sol*.

Dali minha infância foi um carrossel de shows em televisão, teatros e praças públicas. Digamos que tive minha época de Pequeno Notável.

Foi então que, aos 14 anos, resolvi complicar minha vida e fui fazer teatro. O grande Ziembsk me levou ao Tablado, onde fui aluno de Maria Clara Machado. Descobri que procurava no teatro uma ponte para chegar até o outro, eu queria me encontrar com as pessoas que brincavam em cima daquilo. Não gostaria de citar nomes porque são muitos os mestres, mas não vou deixar Flávio Rangel, Luis Antonio Martinez Corrêa e, especialmente, Marcos Leite fora desta carta.

Gosto de ser coringa e jogar em várias vertentes, por isso já fiz vários gêneros e trabalhei com muita gente desde Rubens Correia e Amir Haddad até Enrique Diaz, que



Fernando Eiras é o Max de *A Noviça Rebelde*

me deu uma nova consciência como ator. Com Enrique e meus amigos maravilhosos da Cia dos Atores viajei pelo mundo.

Agora, esses dois incansáveis e corajosos Cláudio Botelho e Charles Möeller me confiaram o delicioso Max Detweiler, em *A Noviça Rebelde*, de Howard Lindsay e Russel Crouse, com as músicas geniais de Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II.

O curioso é que hoje estou no palco do novo Teatro Casa Grande, cantando com uma bela orquestra, e me pego olhando para essas crianças em torno de mim, cantando lindamente, e tenho a sensação de que um anjo bom cuidou de tudo desde o início, e que a vida pode ser um eterno retorno. E pensei nos olhos brilhando de Maria Clara com sua linda voz, contando para nós, seus alunos, que o palco é o lugar onde o ator toma posse dos seus recursos.”

No palco do Teatro Carlos Gomes, a batida que conquistou o mundo

Por Olga de Mello

A história do ritmo que melhor traduz o Brasil, em todas as suas vertentes, e a homenagem a seus grandes criadores sobem ao palco do Teatro Carlos Gomes em *Eu sou o Samba*, musical de Fátima Valença, com direção de Fábio Pillar. Os 16 atores também ganham a companhia do público, que, além de cantar as músicas, no final do espetáculo dança como em um baile carnavalesco. “A intenção é esta mesma, fazer do teatro um grande salão em que o espectador se sinta à vontade para se integrar. Não há qualquer indicação disso pelos artistas, mas as pessoas se levantam e dançam”, diz Cláudia Vignone, produtora e idealizadora do projeto.

A peça conta a história do samba, percorrendo os locais onde era tocado desde os tempos em que os sambistas eram malvistas pela alta sociedade até seu “embranquecimento” e triunfo, já como gênero de música que é um dos grandes produtos de exportação do Brasil. Para acomodar todos os números musicais – listados pelo jornalista João Máximo –, os diálogos tiveram de ser reduzidos.

Licença aos mestres

“Foi-me encomendado um musical sobre samba. Tremi nas bases. Essa

bola tem muitos donos e cada um mais bamba que o outro. Mas quis o destino que, depois de Custódio Mesquita, Pinguinha, Dolores Duran, Orlando Silva, Elis Regina e Rádio Nacional, coubesse a mim essa delicada missão. Não havia como recusar o desafio. Fato consumado, pedi licença aos mestres, coragem aos deuses e lancei mãos à obra”, diz a autora Fátima Valença.

Dentro desse contexto histórico, podem ser facilmente reconhecidos os terreiros, as tias, os sambistas, quitutes, crenças e devotos da pequena África na Praça Onze. Locais como os cabarés da Lapa, *dancings* e cafés do centro também estão presentes, assim como os cafetões, malandros e leões de chácara.

A retaguarda é garantida por uma equipe de bambas. A carnavalesca, figurinista e cenógrafa Rosa Magalhães, o jornalista João Máximo, o maestro Helvius Vilela, a arquiteta e cenógrafa Doris Rollemberg e o coreógrafo Carlinhos de Jesus dão vida à produção. Incorporam-se também a esse grande projeto uma orquestra com 8 músicos, 24 cenários, 186 figurinos e 72 perucas.



Para cantar junto

Das quase 200 músicas sugeridas pelo jornalista João Máximo, restaram 63, muitas agrupadas em *medleys*, como um que se tornou famoso nas vozes de Elis Regina e Jair Rodrigues, reunindo *A Voz do Morro*, *Acender as Velas*, *Diz que Fui por aí* e *A Felicidade*, entre outras. Há canções para todos os gostos e de todas as épocas, desde *Pelo Telefone*, o primeiro samba gravado em disco, até *Não Deixe o Samba Morrer*, da dupla Edson e Aluísio, lançado em 1975 por Alcione. O compositor com mais canções no espetáculo é Cartola, com *As Rosas Não Falam*, *Alvorada*, *O Mundo é Um Moinho* e *O Sol Nascer*. Em destaque, também estão: Sinhô (*Jura*), Noel Rosa (*Fita Amarela*, *Último Desejo*), Tom Jobim e Vinícius de Moraes (*Se Todos Fossem Iguais a Você*), Assis Valente (*Brasil Pandeiro*), Herivelto Martins (*Praça Onze*) e Paulinho da Viola (*Argumento*).

eu sou o samba



FOTOS: RONALDO AGUIAR, MARCO ANTONIO GAMBOA E GUILHERME MAIA / DIVULGAÇÃO



Ensina-me a viver

Glória Menezes comanda no palco
uma celebração à vida

Por Olga de Mello

Um jovem mórbido que cultua a morte. Uma mulher às vésperas dos 80 anos que celebra a vida a cada minuto. O encontro desses personagens antagônicos, que têm encantado platéias do mundo inteiro há três décadas, pode ser conferido pelo público carioca na Sala Marília Pêra do Teatro Leblon, com Glória Menezes e Arlindo Lopes estrelando *Ensina-me a Viver*. Para o diretor João Falcão, o inusitado relacionamento entre o depressivo Harold e a anárquica Maude provoca discussões cada vez mais atuais. “Vivemos uma época em que empresas e hospitais promovem cursos de humanização para seus funcionários. A peça remete a reflexões sobre o prazer de viver com a maior intensidade possível, algo que muita gente esquece hoje em dia”, afirma Falcão.

A tia e a avó

Mas não é só o diretor que mostra seu entusiasmo pela peça. “Viver um personagem tão rico e raro para atrizes na minha faixa etária é uma oportunidade única”, diz Glória Menezes, que se inspirou em uma tia-avó para compor a protagonista. “Minha tia era irreverente, casou-se com um homem mais jovem e jamais deu satisfações de sua vida para a família. Ela só não chegava a ser tão libertária quanto Maude, uma mulher solta no mundo, que, ao conhecer Harold, já contabilizava cinco ex-maridos. Combinei o dinamismo de minha tia com a doçura e a meiguice de minha avó Mercedes, outra mulher com uma forma muito especial de encarar o mundo”.

João Falcão e Arlindo Lopes não poupam elogios à atriz – e não apenas pela atuação





>> como Maude. Creditam ao bom humor de Glória o clima alegre de trabalho. “Houve um entrosamento perfeito entre toda a equipe. Glória, certamente, é uma das responsáveis por isso, pois espalha energia positiva. Tê-la à frente do elenco é um privilégio. Sou admirador do trabalho dela em teatro, cinema e televisão”, diz João Falcão.

Arlindo Lopes, idealizador do projeto, confessa a tensão que sentiu ao convidar Glória para o espetáculo. Ele havia adquirido os direitos da peça em 2003 e já tinha conseguido que João Falcão concordasse em dirigir. Sabia que Glória tinha interesse em interpretar Maude e que já pensara em produzir uma montagem. “Deu um frio na barriga, mas Glória não só aceitou como se tornou sócia na produção”. Era o início de uma bem-sucedida temporada de oito meses em São Paulo. O texto original, traduzido por Millôr Fernandes, não sofreu muitas alterações.

Garota de 80

“É uma trama simples, mas que não ficou datada. O jovem Harold é soturno como

muitos adolescentes de hoje, que parecem padecer de uma eterna inadequação à vida. Maude, ao contrário, é esufizante como uma garota de 80 anos. O envolvimento amoroso entre os dois ainda causa espanto e até indignação, mas o que a peça mais remete é a indagações sobre o significado da vida através de Maude, uma mulher que domina a própria existência e também as platéias”, diz João Falcão. Glória Menezes concorda que o romance não é o ponto mais importante do enredo, e, sim, a possibilidade de transformação que todos deveriam permitir em suas vidas. “Qual jovem não gostaria de conviver com um adulto que vive de acordo com suas próprias regras? O personagem é simbólico, mas o público se identifica com essa mulher que decide até o dia de sua morte”, afirma Glória.

O fascínio que Maude exerce é constatado a cada espetáculo pela equipe. “Muita gente moça chega para nós e diz que quer envelhecer com a sabedoria dela. O mundo está cheio de jovens parecidos com o Harold e senhoras semelhantes a Maude”, diz Arlindo Lopes.



Das telas aos palcos

Na década de 70, a comédia dramática *Harold e Maude* ganhou o mundo em seu formato cinematográfico, sob direção de Hal Ashby, com Bud Cort e Ruth Gordon nos papéis principais. Em 1982, Diogo Vilella e Henriette Morineau (mais tarde substituída por Maria Clara Machado) interpretaram o casal nos palcos cariocas. O texto do americano Colin Higgins conta a história de Harold, um rapaz rico e depressivo, que gosta de encenar diferentes formas de suicídio para chamar a atenção de sua mãe distante. Ao conhecer a exuberante e libertária Maude, Harold aprende a apreciar a natureza, as pessoas e o mundo.

Pelo amor de Deus, não fala assim comigo



Cissa Guimarães à frente de comédia de Maria Carmem Barbosa

Em algum momento do futuro, enquanto a Terra é assolada pela fome, por epidemias e pelo desemprego, os dramas do cotidiano são enfrentados com humor por sobreviventes nesse mundo hostil. Assim é *Pelo Amor de Deus, Não Fala Assim Comigo*,

comédia de Maria Carmem Barbosa estrelada por Cissa Guimarães, que chega ao Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil em montagem dirigida por Ivan Sugahara. A quem estranha a ambientação sombria da peça, Maria Carmem lembra que as

previsões pessimistas feitas há vinte anos já aconteceram: “As pessoas aprendem a lidar com suas dificuldades em meio ao caos, por isso mesmo escolhi este pano de fundo para falar das relações familiares, do amor incondicional e da maternidade”.

Insistência

Na década de 80, Cissa já havia trabalhado na primeira peça de Maria Carmem – *Por um Triz Não Sou Feliz*. As duas prosseguiram a parceria com a série de televisão *Delegacia de Mulheres*. “Cissa sempre pedia ‘pelo amor de Deus’ para que eu escrevesse uma peça para ela, e eu respondia ‘não fala assim comigo’, o que me levou a imaginar este título”, conta Maria Carmem, que não se lembra quando escreveu a peça.

“Demorei tanto tempo elaborando a trama que, quando o projeto foi aprovado, o futuro já estava defasado... Imaginei uma mulher grávida de gêmeos, sendo as crianças filhas de homens diferentes. Descobri, depois, que existem dois ou três casos raríssimos de gêmeos concebidos naturalmente com pais distintos”, informa Maria Carmem.

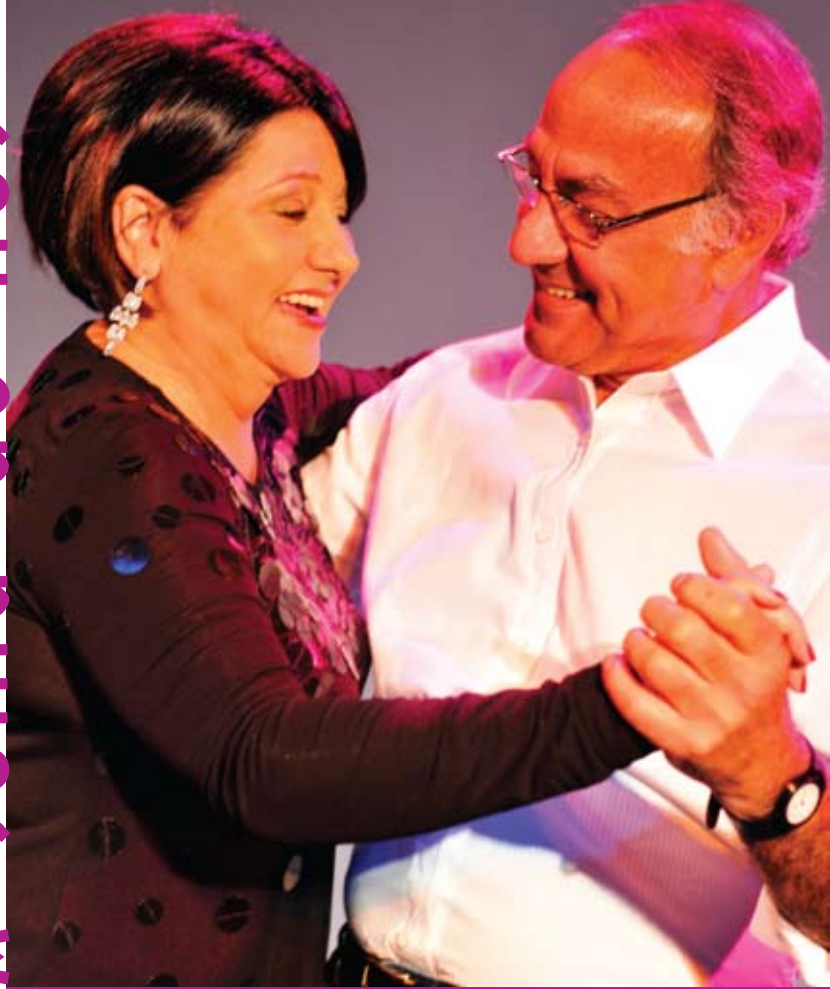
Amor incondicional

Josie Antello, Orã Figueiredo e Kadu Garcia interpretam o inusitado núcleo familiar formado com a gestação dos gêmeos. A história deles é contada pela escritora Guida, personagem de Cissa Guimarães, que mantém uma relação conturbada com uma filha adolescente. “É bom falar no amor incondicional, bem maior do que a relação habitual entre os casais”, diz Maria Carmem Barbosa.

Apesar de apresentar assuntos duros, como o desemprego, e aprofundar a discussão sobre as relações humanas, o texto é divertido. “É uma comédia inteligente. Faço uma mulher sofrida, que encontra forças para combater seus conflitos e a solidão. É um personagem delicado, que exige muita concentração. Acabo o espetáculo exausta”, conta Cissa.

Para Ivan Sugahara, a direção tem sido uma experiência “mais do que agradável”. Um dos fundadores da companhia Os Desequilibrados, Sugahara costuma trabalhar com textos que privilegiam a pesquisa e a experimentação de novas linguagens teatrais. O encontro com duas profissionais com uma sólida carreira na televisão foi uma grata surpresa, diz ele.





Pai e filho unidos contra a solidão da cidade grande

A cumplicidade em um relacionamento pode nos proteger do mundo exterior? O amor incondicional é a melhor resposta ao preconceito? Como surge a intolerância – pela educação ou depois que somos vítimas de um trauma? Estas são

algumas das indagações provocadas pela comédia dramática *A Soma de Nós*, do australiano David Stevens, que chega ao Teatro Vanucci depois de uma temporada em São Paulo. A peça fala sobre os encontros e desencontros amorosos de Henrique, um viúvo

de meia-idade, e de seu filho Jefferson, que é homossexual. Apesar de um dos protagonistas ser gay, a peça não discute o impacto que a opção sexual causa na relação familiar. “A peça trata do imenso carinho entre aqueles dois homens, um pai que ama o filho intensamente, e um filho que cuida do pai com desvelo, mostrando situações com rara sensibilidade, delicadeza e humor”, resume o escritor Flávio Marinho, responsável pela tradução e adaptação do texto.

Identificação

Eduardo Figueiredo, que divide a direção do espetáculo com Cintia Alves, acrescenta que a sexualidade é pano de fundo na peça. “Os dois homens estão em busca de um grande amor, lutando contra a solidão. Os questionamentos levantados não são sobre a opção sexual do rapaz. O envolvimento do público é sobre a ligação entre pai e filho, embora o preconceito venha a surgir em dado momento. Mas os espectadores que nos procuram ao fim de cada apresentação vêm falar sobre a identificação com seus pais”, diz o diretor.

Ao assistir à peça, em Nova York, na década de 90, Flávio Marinho levou algum tempo até perceber que os dois homens em cena não formavam um casal. “No início, a impressão era de que os dois eram gays, pois se tratam com a intimidade de um casal, conversando sobre fatos do dia-a-dia. Aos poucos, percebe-se que são pai e filho, mas que desenvolveram uma relação tão intrincada que é quase um casamento. E o pai, que ama profundamente aquele filho, quer procurar um namorado para o rapaz,

que é tímido e mais fechado”, conta Flávio, que fez a primeira adaptação do texto para português para uma montagem estrelada por Reginaldo Faria.

Sem sentimentalismo

Para Maurício Machado, que interpreta Jefferson – Henrique é vivido no palco por Luís Carlos de Moraes –, a história é tocante sem exageros de sentimentalismo. Preocupado com o solitário Henrique, ele incentiva o envolvimento do rapaz com Greg, que, por sua vez, tem problemas com um pai homofóbico. Cansado de viver sozinho, Henrique conhece Mara através de uma agência de encontros.

“O espectador se integra totalmente à história, pois todo mundo tem pai. E a trama tem o pai como narrador. Henrique é expansivo e muito romântico, fã de Frank Sinatra. O filho é um encanador meio bronco. Eles não são poetas nem intelectuais, mas querem viver com felicidade. Com muita delicadeza e de maneira bastante divertida, a peça mostra algo que vem se perdendo ultimamente, que é o companheirismo entre pais e filhos”, afirma Maurício, que também é produtor do espetáculo, ao lado de Cintia Alves e Eduardo Figueiredo.

FOTOS: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO



Ato sem palavras I

... e A Última Gravação de Krapp.
Sérgio Britto declara seu amor ao teatro
encenando duas peças de Beckett

Por Olga de Mello

Na maturidade, o dramaturgo irlandês Samuel Beckett reconheceu que sua dedicação ao teatro o levou a descuidar-se de importantes aspectos da vida. Na maturidade, o ator Sérgio Britto reconhece que sua dedicação ao teatro poderia tê-lo levado a descuidar-se de importantes aspectos da vida.

“O teatro sempre esteve em primeiro plano, mas não me fez deixar de lado amizades e amores como o Beckett”, diz Britto, que sobe ao palco do Oi Futuro para apresentar *Ato Sem Palavras I* e *A Última Gravação de Krapp*, duas peças curtas que tratam da sobrevivência em uma situação extrema e do arrependimento de quem desiste do amor.

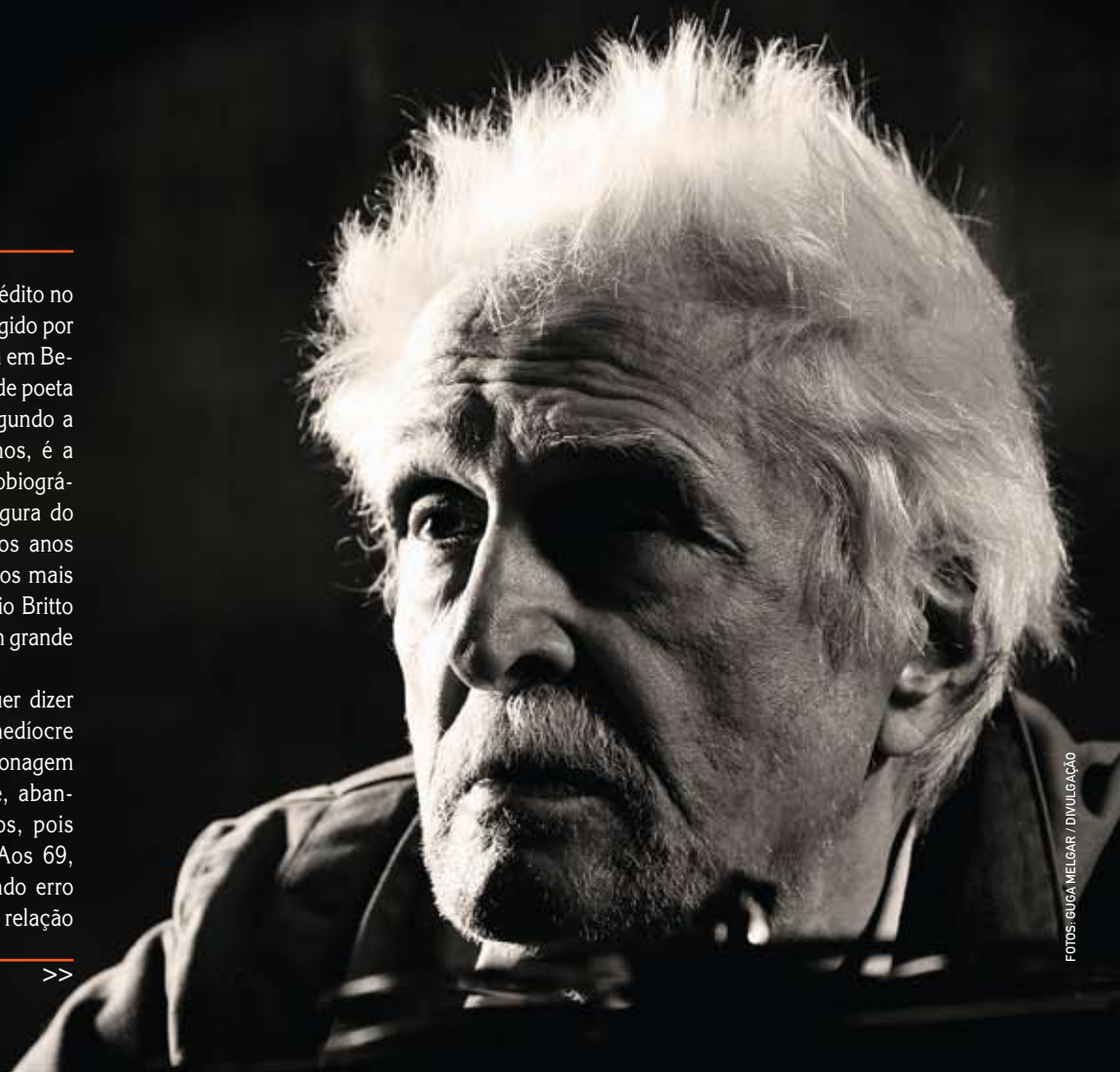
Beckett nostálgico

A Última Gravação de Krapp foi encenada uma única vez no Brasil, há cerca de

vinte anos. *Ato Sem Palavras I* é inédito no País. Sozinho no palco, Britto é dirigido por Isabel Cavalcanti, uma especialista em Beckett, que considera o autor o grande poeta da dramaturgia do século XX. Segundo a diretora, *Krapp*, escrita há 50 anos, é a peça mais “nostálgica, lírica e autobiográfica de Samuel Beckett”. A amargura do velho escritor Krapp, que todos os anos faz e ouve gravações sobre os fatos mais marcantes de sua vida, para Sérgio Britto mostra não apenas tristeza, mas um grande senso de humor.

“Em inglês, a palavra ‘crap’ quer dizer ‘merda’. Aquele homem é um medíocre para o Beckett, mesmo que o personagem tenha feito exatamente como ele, abandonado uma mulher aos 39 anos, pois precisava se dedicar ao teatro. Aos 69, esse homem reconhece o tremendo erro que cometeu, ao temer que uma relação

>>





>> pessoal prejudicasse seu trabalho. Beckett também reconhecia que perdera um relacionamento importante, dando mais valor ao aprimoramento de sua arte”, acredita Sérgio Britto.

Para o ator, as nuances dos personagens de Beckett trazem um desafio interpretativo. Em *Krapp* ele precisa reagir ao relato que ouve do gravador de rolo, até interferir e editar as próprias recordações. “Beckett é danado, muito contido, fechado, porém sabia transmitir as emoções como poucos. O texto é de uma beleza fora do comum, como quase toda a obra de Beckett. Na verdade, não concordo com sua teimosa negação da possibilidade da vida ser boa, por mais poética que a idéia se mostre. Minha visão é diametralmente oposta. Sempre consigo encontrar beleza e alegria na vida”.

Beckett behaviorista

Aos 85 anos – e 63 de carreira –, Sérgio Britto demonstra uma vitalidade surpreendente para viver o personagem de *Ato sem Palavras I*, sobre um homem que tenta sobreviver em um deserto, procurando abrigo e alimento. O ator tem de permanecer em silêncio, movimentando-se intensamente ao contar o desespero do personagem em uma situação-limite. “Beckett intimida o ator, e até hoje tremo em pensar na ousadia de participar desta montagem. Mas ele tem uma força impressionante sobre o público”, diz o ator.

Criado em 1956 para o dançarino Derik Mendel, *Ato Sem Palavras I* origina-se do interesse de Samuel Beckett pelos comediantes do cinema mudo, como Buster Keaton, para quem escreveu um roteiro de cinema. A peça também reflete pesquisas sobre psicologia behaviorista.

NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A mulher que escreveu a Bíblia

“Além de o texto ser inteligente e bem humorado, a interpretação de Inês Vianna para a mulher mais feia do harém de Salomão vale a ida ao teatro. Tanto que ela foi indicada para o prêmio Shell de melhor atriz”.

Tuca Andrada, ator

Eu sou o samba

“Adoro musicais e esse é especialmente poético, além de historicamente informativo, ao mostrar a formação das escolas de samba e sua transformação. Destaco as interpretações de Alice Borges, Ed Nunes e Romeu Evaristo”.

Isabel Fillardis, atriz



Aquarelas do Ary

“Desde que escrevi a biografia de Ary Barroso, não imaginei que esse grande brasileiro fosse capaz de me causar uma emoção tão forte. É que, ao contrário do que escrevera no final do livro, descobri que Ary Barroso não morreu, pois acabo de reencontrá-lo vivo da silva no maravilhoso espetáculo *Aquarelas do Ary*”.

Sérgio Cabral, escritor

Ato Sem Palavras I

A Última Gravação de Krapp “Das últimas experiências tive assistindo uma peça, a mais instigante é esse espetáculo, que nos traz um presente de qualidade, de paixão e de significado do que seja o ator e o teatro em si”.

Nathália Timberg, atriz



ADVOCACIA SEGUNDO OS IRMÃOS MARX

Uma advogada corrupta e seus preguiçosos assistentes tentam dar golpes nos clientes que os procuram. Texto: Bernardo Jablonski. Direção: Fabiana Valor e Bernardo Jablonski. Com Heloísa Perissé, Marcelo Adnet, Fernando Caruso, Gregório Duvivier e Rafael Quiroga. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Terças e quartas, 21h. R\$ 40.

AQUARELAS DE ARY

Musical relembra a carreira de Ary Barroso. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Marcos França, Alexandra Dantas e Cláudia Ventura. **Teatro Maison de France** (Avenida Presidente Antonio Carlos, 58, Centro) Fone: 2544-2533. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 60 (qui., sáb. e dom.). R\$ 50 (sex.).

ATO SEM PALAVRAS I/A

Última gravação de Krapp. Sérgio Britto apresenta duas peças curtas de Samuel Beckett, que tratam do arrependimento de um homem pelas escolhas de sua vida e a luta de uma pessoa para sobreviver em uma situação desesperadora. Adaptação e direção: Isabel Cavalcanti. **Oi Futuro** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131.3060. Sexta a domingo, 19h30. R\$ 15.

BALAIÃO DE GATOS

Um assaltante quer seqüestrar a dona

da casa que invadiu, mas não sabe de sua real identidade. Texto: Fátima Valença e Bia Montez. Direção: Marcelo Caridade. Com Fabiana Karla e Leandro Damatta. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555, Barra da Tijuca). Fone: 3325-1645. Sexta e sábado, 23h. R\$ 50.

BEATLES NUM CÉU DE DIAMANTE

Charles Möeller e Cláudio Botelho fazem uma releitura das músicas dos Beatles, contando a trajetória de uma jovem da adolescência à vida adulta. Texto: Charles Möeller e Cristiano Gualda. Direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Gottscha, Marya Bravo. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta, 18h; sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

BRINCANDO EM CIMA DAQUILO

Débora Bloch vive três mulheres que traçam um panorama bem-humorado sobre a condição feminina. Texto: Dario Fo e Franca Rame. Direção: Otávio Muller. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Segunda a quarta, 21h. R\$ 50 (seg.) e R\$ 60 (ter. e qua.).

AS CENTENÁRIAS

Duas carpideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebri-

dades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

CINE-TEATRO LIMITE

Comédia dramática, escrita e dirigida por Pedro Bricio, sobre o Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra Mundial. Com Erica Migon, Isaac Bernard, Rodrigo Pandolfo, Alex Pinheiro. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$ 25 (qui. e sex.). R\$ 30 (sáb. e dom.).

CIRCUNCISÃO EM NOVA YORK

Francisco Cuoco estrela a comédia de João Bethencourt sobre duas mulheres que vivem juntas e decidem ter um filho por inseminação artificial. Direção: Ricardo Kosovski e Cristina Bethencourt. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui. e sex.). R\$ 40 (sáb. e dom.).

COMO PASSAR EM CONCURSO PÚBLICO

O grupo Cia de Comédia G7 satiriza a obsessão dos brasileiros pela estabilidade no emprego público, em texto de criação coletiva. **Teatro dos Quatro**

(Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 60.

O DIABO VESTE SAARA

Socialite procura nas ruas da Saara a mulher que roubou seu marido. Texto: Marcelo Lino, Melise Maia e Cássia de Barros. Direção: Hélio Ribeiro. Com Melise Maia, Elida L'Astorina, Sarah Lavigne, Marcelo Lino e Alessandro Moussa. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4455. Terça e quarta, 19h30. R\$ 20.

DIVINA ELIZETH

Em 40 clássicos da MPB, o musical – uma criação da Companhia Brasileira de Musicais – lembra a carreira da cantora Elizeth Cardoso. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Dhu Moraes, Beatriz Faria. **Teatro Sesc Ginástico** (Av. Graça Aranha 187, Centro). Fone: 2279-4027. De quinta a domingo, 19h30m. R\$ 40.

DOCE DELEITE

O universo do teatro mostrado através de seus próprios personagens e estilos. Texto: Alcione Araújo. Direção: Marília Pêra. Com Reynaldo Gianecchini e Camila Morgado. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 70 (Qui. e sex.). R\$ 80 (Sáb. e dom.).

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Adaptação do romance de Jorge Amado, em que a viúva Flor se casa, mas continua recebendo visitas do falecido marido Vadinho. Direção: Pedro Vasconcellos. Com Carol Castro, Marcelo Faria, Duda Ribeiro. **Teatro das Artes** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

ENSINA-ME A VIVER

Glória Menezes é Maude, mulher de quase 80 anos que festeja a vida diariamente e que faz amizade com Harold, rapaz rico e depressivo. Texto: Colin Higgins. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: João Falcão. Com Arlindo Lopes, Ilana Kaplan, Fernanda de Freitas e Augusto Madeira. **Teatro Leblon – Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui.), R\$ 70 (sex.), R\$ 80 (sáb. e dom.).

ELES NÃO TÊM VINHO

A Cia Sem Teatro apresenta no cenário real de um bar e uma pista de dança a proposta de misturar dramaturgia e poesia, sem erudição. Texto e direção: Ana Paula Chaib. Com Ricardo Vieira, Paula Goja e Ana Paula Chaib. **Fosfobox** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2548-7498. Quinta, 22h. R\$ 10.

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

Edwin Luisi interpreta vinte diferentes personagens para contar a história do

travesti Charlotte Von Malsdorf, que manteve um cabaré gay clandestino na Alemanha Oriental durante os regimes totalitários. Texto: Dowgh Wright. Direção: Héron Capri e Susana Garcia. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20 (qui. e sex.). R\$ 30 (sáb. e dom.).

EU SOU O SAMBA

Os jornalistas João Máximo e Fátima Valença contam a história do samba neste musical que conta com figurinos de Rosa Magalhães e coreografia de Carlinhos de Jesus. Direção: Fábio Pilar. Direção musical: Helcius Vilella. Com Cláudia Mauro, Romeu Evaristo, Rafaela Fisher. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes 19, Centro). Fone: 2224-3602. Quinta, sexta e sábado, 19h30. Domingo, 18h. R\$ 40.

A FALTA QUE NOS MOVE

Atores preparam um jantar enquanto aguardam a chegada de um membro da companhia e refletem sobre as relações humanas. Texto e direção: Christiane Jatahy. Com Cristina Amadeo, Pedro Brício, Felipe Rocha. **Casa França Brasil** (Rua Visconde de Itaboraí, 78, Centro). Fone: 2253-5366. Quinta e domingo, 19h. Sexta e sábado, 20h. R\$ 10.

A FORMA DAS COISAS

Uma estudante de Artes transforma a vida de seu namorado, que trabalha

como segurança no museu de uma universidade. Texto: Neil Labute. Direção: Guilherme Leme. Com Pedro Osório, Carol Portes. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

INGRID

A partir do seqüestro de Ingrid Betancourt, o espetáculo propõe uma reflexão sobre as seqüelas que vítimas de cativoiro sofrem e o papel da mulher em busca de soluções pacifistas para a violência. Texto: Fidelis Fraga. Direção: Marco André Nunes. Com Carolina Virgüez. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, meia-noite. R\$ 15.

A INVENÇÃO DE LOREN

Uma mulher funda uma empresa para vender amigos imaginários. Texto e direção: Ana Roxo. Com Julia Ianina, Lillian Damasceno, Thaís Medeiros e Thalita Ortiz. **Centro Cultural Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180 – Botafogo). Fone: 2543-5411. Sábado, 2130. Domingo, 20h30. R\$30.

MISCELÂNEA

Musical trata da realidade brasileira ao som de canções de Chico Buarque, Caetano Veloso, Rita Lee, Raul Seixas, Renato Russo e Gonzaguinha. Texto e direção: Pitty Webo. Com Álvaro Abrahão, Andréa Néri, Giordanna Forti. **Teatro Clara Nunes** (Marquês de

São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9696. Terça e quarta, 19h30. R\$ 40.

MISTÉRIO NA MANSÃO

O caso da cantora cantonesa. Um público de apenas 35 espectadores percorre diversos cômodos da sede da Fundação Eva Klabin enquanto se desenrola o espetáculo, uma trama policial inspirada no jogo Detetive. Texto e direção: Jonas Klabin. Com Marcos Oliveira, Ana Kutner. **Fundação Eva Klabin** (Av. Epitácio Pessoa, 2.480, Lagoa). Fone: 3202-8550. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 60.

MORRER OU NÃO

A possibilidade de modificar o destino e reflexões sobre a morte são discutidas em diferentes quadros. Texto: Sérgio Belbel. Direção: Delson Antunes. Com Thelma Reston, Isabel Guéron. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241 – Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a domingo, 19h. R\$ 20.

A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA

Thereza Falcão adaptou o romance de Moacyr Scliar sobre uma das 700 esposas do Rei Salomão. Direção: Guilherme Piva. Com Inês Viana. **Teatro do Leblon – Sala Tonia Carrero** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) R\$ 60 (sáb. e dom.).



A NOVIÇA REBELDE

Baseada em fatos reais, a história de amor entre uma jovem noviça e seu patrão, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, tornou-se um dos mais populares musicais da história. Superprodução assinada por Cláudio Botelho e Charles Möeller. Com Hérsen Capri, Kiara Sasso, Vera Canto e Mello, Fernando Eiras. **Oi Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2511-0800. Quarta, quinta e sexta, 20h30. Sábado, 16h e 20h. Domingo, 16h. R\$ 60 a R\$ 120 (qua.). R\$ 90 a R\$ 150 (qui. e sex.). R\$ 120 a R\$ 180 (sáb. e dom.).

PELO AMOR DE DEUS, NÃO FALA ASSIM COMIGO!

Cissa Guimarães está à frente do elenco nesta comédia futurista que mostra as tentativas de sobrevivência de quatro pessoas. Texto: Maria Carmem Barbosa. Direção: Ivan Sugahara. Com Orã Figueiredo, Josie Antello e Kadu Garcia. **Centro Cultural Banco do Brasil** (Primeiro de Março, 66, Centro) Fone: 3080-2020. quarta a sábado, 19h30. Domingo, 17 e 19h30. R\$ 10.

QUATRO CARREIRINHAS

Grupo vocal morre em acidente de carro e tem de convencer Deus de que merecem o Paraíso. Texto: Flávio Marinho. Direção: Wolf Maya. Com Cláudio Lins, Renato Rabelo, Cláudio Galvan, Carlos Leça e Fênix. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon).

Fone: 2529-7700. Terça e quarta, 21h. R\$ 40.

REALIDADE VIRTUAL

O drama assinado pelo ator Alan Arkin mostra duas pessoas que são contratadas para realizar uma missão que não sabem qual é. Direção e atuação: Cláudio Mendes e Mariana MacNiven. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 142, Centro). Fone: 3261-2550. Terça e quarta, 19h. R\$ 20.

O SANTO E A PORCA

A comédia de Ariano Suassuna traz Ewerton de Castro como um aventureiro angustiado com a possibilidade de perder o dinheiro que acumulou a vida inteira. Direção: João Fonseca. Com Élcio Romar, Armando Babaiof, Gláucia Rodrigues. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4455. Quinta a domingo, 19h30. R\$30 (qui.) e R\$40 (sex., sab, e dom.).

A SOMA DE NÓS

A amizade entre um viúvo e seu filho, que procuram o amor e a felicidade. Texto: David Stevens. Tradução e adaptação: Flávio Marinho. Direção: Eduardo Figueiredo e Cíntia Alves. Com Luiz Carlos de Moraes, Maurício Machado, Guilherme Winter e Mara Manzan. **Teatro Vanucci** (Marquês de São Vicente 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Quinta a sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb.e dom.).

Um presente especial

O teatro foi na noite anterior, seguido por um farto jantar... Caso você acorde ainda pensando na peça e se ache merecedor de um presente, tome um café da manhã, daqueles longos e sem nenhuma pressa, sem jornal para não se aborrecer, mas com um bom livro ou uma bela revista... Nossa sugestão? Vá ao **Café Aquim**. Experimente o queijo quente feito no óleo de trufas... assim como o ovo mexido, o aroma inunda completamente o ambiente... tem também waffle, iogurte com granola, ambos feitos na casa. Os pães são um caso à parte, vários dos mais deliciosos tipos e sabores, e ainda tem todos aqueles velhos conhecidos: sucos, geléias, manteiga, mel.



O lugar é chique sem ser pretencioso, com detalhes perfeitos, como uma parede de espelhos que lembram barras de chocolate. O serviço é bom, mas pode melhorar. Tem ainda *madeleines* de vários sabores, acompanhando as bebidas quentes...

Caso queira almoçar, há várias opções de pequenos pratos (um achado), sanduíches, saladas, risotos, massas e até filé com arroz de queijo brie. Muito bom também é o pequeno prato de bacalhau à Amaranthe. Os vinhos em taça também são recomendados (um chardonay chileno –Terrazas – é ótimo), espumantes, champagnes... enfim, dá para se divertir nesse capítulo.

Lembra que comecei falando em “presente”? Pois é, a conta deveria vir numa caixinha de jóia... você entendeu, não é? Mesmo assim, vá – todos nós merecemos um presente vez ou outra, e esse é sem dúvida delicioso.

**Av. Ataulfo de Paiva, 1240,
Leblon. Fone: 2512-4670**

Morrer ou não

A bordar a morte para repensar a vida. A frase resume o espírito de *Morrer ou Não*, peça do espanhol Sergi Belbel em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal, sob direção de Delson Antunes. Em sete histórias que aparentemente não guardam qualquer relação entre si, exceto tratarem da morte e se desenrolarem em cenários urbanos, as possibilidades de modificar o destino de cada um são apresentadas como um mosaico. “O teatro de Belbel oferece possibilidades cênicas inusitadas para abordar um tema tabu de forma leve ao apresentar a hipótese de reescrever a história”, diz o diretor.

Mosaico

Reescrever é uma atitude literal neste texto, já que a peça é conduzida através da conversa de um roteirista e de sua mulher sobre um trabalho que ele precisa entregar enquanto enfrenta um bloqueio criativo. Assim surgem as sete histórias, que mostram pessoas comuns, quase sempre vivendo a solidão gerada pela falta de comunicação. Ali estão a mãe que alimenta a filha adolescente, uma enfermeira conversando com um doente, dois policiais trabalhando juntos, o diálogo entre

um assassino e sua vítima, a preocupação de uma mulher com o irmão dependente de drogas pesadas. “Por mais duras que as situações se apresentem, sempre há um toque de humor nesses quadros, que, no segundo ato, voltam a ser mostrados sob outro ângulo, como se estivéssemos montando um mosaico de diferentes temas que se complementam em um desenho lógico”, conta a atriz Isabel Guéron, uma das produtoras do espetáculo.

Sem patrocínio, a peça foi montada graças

aos esforços de um grupo de onze atores – Daniel Aguiar, Edmilson Barros, Julia Fajardo, Luciano Pullig, Rodrigo Candelot, Rita Porto, Isabel Guéron, Rodolfo Mesquita, Renata Miryanova, Vânia de Brito e Thelma Reston – que participaram de uma oficina coordenada por Delson. Em cena, eles vivem treze personagens. “No Brasil, chegamos a este ponto: ou se faz teatro por empenho e amor, ou não se faz. É um investimento pessoal do elenco e de toda a equipe, que, apesar da precariedade que cercou esta montagem, alcançou um resultado harmônico”, afirma o diretor.

Embora a revisão de acontecimentos tenha sido bastante explorada pelas artes cênicas, a forma como Belbel explora essa releitura do destino encantou o elenco. “É admirável vermos uma veterana como a Thelma Reston entrar de cabeça nesse projeto, aberta para o novo como se fosse uma menina que começou ontem na profissão”, diz Isabel Guéron.

Em sete histórias diferentes, uma reflexão sobre situações cotidianas e seus riscos

Da nova safra

O catalão Sergi Belbel é um dos renovadores do teatro espanhol e um de seus autores mais respeitados da atualidade. Diretor do Teatro Nacional da Catalunha e professor de dramaturgia, é especialista em filologia românica e francesa. Com peças traduzidas e encenadas em mais de 30 países, destaca-se como um importante encenador, tendo recebido diversos prêmios desde a apresentação de sua primeira peça, *Calidoscópios*, em 1985. A solidão, o individualismo, a angústia e a passividade são abordados em boa parte de sua obra.

A invenção de Loren



**Os relacionamentos possíveis na era do efêmero.
Até amigas imaginárias**

Uma empresa que comercializa amigos imaginários para pessoas que não conseguem manter relacionamentos reais em um mundo caracterizado pela solidão, pela fragmentação das personalidades e pela distorção do prazer. Aí está a linha

temática de *A Invenção de Loren*, traçada pelas atrizes da Cia Delas e a escritora Ana Roxo. “Durante o processo de coleta de material para o desenvolvimento do tema do espetáculo, descobrimos que a realidade já havia superado a possibilidade que ape-

nas imaginávamos. Existem empresas nos Estados Unidos e no Japão especializadas em vender amizades imaginárias”, conta Thaís Medeiros, uma das fundadoras da companhia paulista, que se apresenta no Teatro do Solar de Botafogo a partir de 16 de agosto.

A peça se originou da extensa pesquisa que as atrizes empreenderam durante um ano, à procura de textos que tratassem de tudo o que instigasse prazer. “Lemos romances, ensaios, filosofia, peças, tudo o que nos desse embasamento teórico para discutir a relação do corpo com o prazer. Acabamos transcendendo a idéia original ao nos depararmos com situações em que carências são aparentemente preenchidas pela compra de objetos, mas o vazio existencial permanece, pois as pessoas não querem enfrentar seus medos e traumas”, explica Thaís.

Bonecas gigantes

O título do espetáculo remete ao romance *A Invenção de Morel*, do argentino Bioy Casares, que trata de um fugitivo da justiça que se esconde em uma ilha onde máquinas reproduzem fielmente imagens e sons do passado. “O universo fantástico de Bioy Casares é uma referência para todo o grupo. Enquanto Morel fala na tecnologia que realiza sonhos, nós queremos levar a uma reflexão sobre o que a tecnologia não consegue fornecer, sobre os desejos criados a partir de sensações deturpadas por falsas necessidades estimuladas pela globalização. Adotar bonecas gigantes como as que

as famílias japonesas e americanas agora adquirem é uma deturpação dos laços reais de amizade. Quais subterfúgios encerram as relações virtuais, adotadas por quem não consegue se relacionar no plano da realidade?”, indaga Thaís.

O material pesquisado pelas atrizes foi a base para o texto escrito por Ana Roxo, convidada pela Cia Delas para participar da elaboração do espetáculo, que ela dirige ao lado de Daniela Evelise. “O grupo é de atrizes, por isso sempre chamamos dramaturgos e diretores que também se interessem pela reflexão. *A Invenção de Loren* demonstra-se que tudo é possível no plano humano. Por mais que a solidão seja dolorosa, falamos dela com humor e leveza, pois há muito tempo a realidade ficou mais bizarra que a ficção”, diz Thaís.

Para todos

Fundada em 2001 pelas atrizes Cíça Magalhães, Fernanda Castello Branco, Julia Ianina, Lilian Damasceno, Paula Weinfeld, Thaís Medeiros e Thalita Ortiz, a Cia Delas tem um repertório diferenciado, com peças dirigidas ao público adulto, infantil e juvenil. No início de 2007, o projeto de *A Invenção de Morel* rendeu ao grupo o prêmio de estímulo PAC 22 (Programa de Ação Cultural), concedido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

CENA ABERTA

cena aberta



Milton Gonçalves
e Maria Pompeu,
em *A farsa da boa
preguiça*, 1975